

**A SOLIDÃO DE UMA EDUCAÇÃO
COTIDIANA**
**THE LONELINESS OF AN EVERYDAY
EDUCATION**
**LA SOLEDAD DE UNA EDUCACIÓN
COTIDIANA**



Revista Espaço do Currículo

ISSN 1983-1579

Doi: 10.15687/rec.v16i3.68488

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

Resumo: Este texto se dá como efeito da produção de uma tese, em uma tentativa de problematização dos modos de vivência da solidão preponderantes na contemporaneidade educacional, em meio ao que se configura como solidões pautadas nas noções de carência, de melancolia e de precariedade, conferindo um status negativo à solidão. A partir de intercessores como Deleuze, Guattari e Nietzsche, aponta outras formas de se considerar a solidão atrelada aos currículos, formas estas mais desprendidas da compreensão de ser humano como um sujeito enfraquecido. Aproxima a produção curricular a uma “[...] boa solidão, a solidão livre, a que vos permite seguir sendo bons em qualquer sentido” (Nietzsche, 2005, p. 35), cartografando os processos de produções curriculares intensificados pela potência da solidão como afirmação de uma vida inquietada e atravessada pelos devires que forçam o pensamento em busca da não subordinação. Busca, desta maneira, evidenciar as práticas de criação de espaços inéditos no campo do currículo, promovidos pela solidão em meio à lógica produtiva contemporânea, em seus múltiplos sentidos possíveis, nos encontros de uma educação cotidiana.

Palavras-chave: Cotidianos. Currículos. Solidão.

Tamili Mardegan da Silva

Doutora em Educação

Professora da Rede Estadual do Espírito Santo, Brasil.

E-mail: tamilimardegan@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8244-3275>

Danielle Piontkovsky

Doutora em Educação

Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, Brasil.

E-mail: danielle@ifes.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0824-5275>

Como citar este artigo:

SILVA, T. M.; PIONTKOVSKY, D. A SOLIDÃO DE UMA EDUCAÇÃO COTIDIANA. **Revista Espaço do Currículo**, v. 16, n. 3, p. 1-11, 2023. ISSN 1983-1579. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v16i3.68488>.

Recebido em: 31/10/2023

Aceito em: 05/12/2023

Publicação em: 18/12/2023

Abstract: This text is the result of a thesis production, attempting to problematize the prevailing experiences of loneliness in contemporary education, characterized by notions of lack, melancholy, and precariousness, which confer a negative status to loneliness. Drawing on intercessors such as Deleuze, Guattari, and Nietzsche, it points to alternative ways of considering loneliness within curricula, detached from the understanding of the human being as a weakened subject. It brings curriculum production closer to a "good loneliness, free loneliness, which allows you to continue being good in any sense" (NIETZSCHE, 2005, p. 35), mapping the intensified processes of curriculum production fueled by the power of loneliness as an affirmation of a disrupted life shaped by becomings that compel thought in pursuit of non-subordination. It seeks to highlight the practices of creating unprecedented spaces in the field of curriculum, fostered by loneliness amidst contemporary productive logic in its multiple possible senses within the context of everyday education.

Keywords: Everyday life. Curricula. Loneliness.

Resumen: Este texto es el resultado de la producción de una tesis, en un intento de problematizar las formas predominantes de experimentar la soledad en la contemporaneidad educativa, en medio de lo que se configura como soledades basadas en nociones de carencia, melancolía y precariedad, otorgando un estatus negativo a la soledad. A partir de intercesores como Deleuze, Guattari y Nietzsche, señala otras formas de considerar la soledad vinculada a los currículos, formas que están desprendidas de la comprensión del ser humano como un sujeto debilitado. Acerca la producción curricular a una "buena soledad, una soledad libre, que permite seguir siendo bueno en cualquier sentido" (NIETZSCHE, 2005, p. 35), cartografiando los procesos de producción curricular intensificados por el poder de la soledad como afirmación de una vida inquieta y atravesada por los devenires que fuerzan el pensamiento en busca de la no subordinación. Busca evidenciar las prácticas de creación de espacios inéditos en el campo del currículo, promovidos por la soledad en medio de la lógica productiva contemporánea, en sus múltiples sentidos posibles, en los encuentros de una educación cotidiana.

Palabras clave: Cotidianidad. Currículos. Soledad.

1 BILHETE DE EMBARQUE PARA UMA VIAGEM SOLITÁRIA

Quando se trabalha, a solidão é, inevitavelmente, absoluta. Não se pode fazer escola, nem fazer parte de uma escola. Só há trabalho clandestino. Só que é uma solidão extremamente povoada. Não povoada de sonhos, fantasias ou projetos, mas de encontros. Um encontro é talvez a mesma coisa que um devir ou núpcias. É do fundo dessa solidão que se pode fazer qualquer encontro. Encontram-se pessoas (e às vezes sem as conhecer nem jamais tê-las visto), mas também movimentos, idéias, acontecimentos, entidades (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 6).

Uma solidão extremamente povoada... Uma educação extremamente povoada... E, por que não, um currículo extremamente povoado? A partir das vivências na/da/com a educação, percebemos as intercessões entre os processos cotidianos e a solidão à qual os autores acima se referem. Uma solidão vazia e habitada, que está entranhada na educação, nos currículos, nos sujeitos e nos processos, provocando encontros, permitindo núpcias e divórcios, em um trabalho clandestino nas escolas.

Solidões tomadas pelos efeitos dos encontros, capturas e abandonos, repetições não tão repetidas assim. Estratégias disruptivas de uma solidão como multiplicidade, que quer falar de forças estranhas que agem de modo mais aberto e liso em meio às estratificações e aos clichês que modulam, achatam, aplainam. Solidões inevitáveis de uma educação que se agita com encontros inesperados e não com o isolamento individualizante. Uma educação cambiante, que se produz nas relações, nos enlaces de processos, de objetos, de movimentos, de pensamentos e de pessoas também.

Driblamos uma solidão estoica, que cultiva o isolamento do sujeito, e uma solidão de espectro narcísico, em que se exhibe o estar só. Assim, não falamos de um isolamento perfeito, que busca a solidão em sua forma mais solitária, eliminando o outro para viver plenamente só. Trata-se de criar condições para um encontro de forças, uma solidão individual-coletiva em um deserto que se atravessa sozinho e em bando, como uma música feita para se ouvir só, mas que, como uma caixa de ressonância,

produz ecos que se alastram ao infinito. Extensão inegociável desse tempo solitário. Ouvir sozinho, em interação constante. Vibração. Amplitude. Uma linha de fuga, um território outro, uma nova frequência, uma nova força. Equalizar.

Na recusa de um princípio identitário, em que se relaciona a experiência solitária com a lógica do individualismo, pegamos nosso bilhete para embarcar na escola. Escola que não é o nosso ponto de chegada, escola que não é nosso destino, mas escola como nosso caminho, nosso percurso. Manifestamos, assim, a defesa de uma solidão necessária e inerente à vida e às práticas-políticas educacionais, que favorece a reinvenção dos modos de processamento em uma sociedade de controle e que permite pensar o vazio como uma grande potência.

Pesquisamos, portanto, nesta era dos mecanismos de monitoramento, que se constituem como uma versão repaginada dos processos de moldagem vividos na sociedade disciplinar do século XVIII a XX, nos quais os indivíduos eram sujeitados a um poder vigilante, centralizado e operante, e ao confinamento dos espaços fechados, como escolas, hospitais e presídios. Com a remodelação da sociedade disciplinar, chegamos à sociedade de controle, na qual nos deparamos com uma realidade axiomatizada de um poder que está dissolvido, assim como as informações, a comunicação e o conhecimento, pois, como afirma Deleuze (2013, p. 224), “São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares”. Nesta sociedade, variamos dos moldes, do confinamento dos espaços, da ordenação do tempo e da concentração dos saberes a uma fluidez, a uma “[...] modulação, como uma moldagem autodeformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro” (DELEUZE, 2013, p. 225).

A disciplina, que se manifesta como uma relação de forças, foi uma das maneiras de exercer o poder sobre os corpos, promover o confinamento e a regulação do espaço. A vigilância permitia que a disciplina operasse com um custo reduzido o que, por sua vez, difundiu os mecanismos disciplinares socialmente. A formação da sociedade disciplinar se dava nesse processo de produção de individualidade no qual cada um era vigia de si e dos outros, e a capacidade de diferir deveria ser regulada.

A sociedade disciplinar, que agia como um tipo de captura em que se buscava aprisionar a diferença, operava pelo encarceramento massivo. O espaço fechado era o lugar propício para o agir da disciplina, um poder que interferia na vida das pessoas como mecanismo fundamental, atravessando-as praticamente de uma mesma maneira. A generalização social da disciplina dependia, no entanto, de alguma abertura. Era preciso que os fluxos de disciplina corressem pelos espaços. Assim se apresentou a tendência de a disciplina se transmutar em um controle, pois esse poder panóptico revelava pontos cegos. Confinavam-se as forças, mas não os fluxos. Encarceravam-se os corpos, mas não as ideias.

Deleuze (2013) explora uma transformação específica e diz que Foucault já sabia que as sociedades marcadamente disciplinares estavam de certa forma em colapso. Dessa maneira, o conceito de disciplina, que permeou o Século das Luzes, não foi descartado, mas aperfeiçoado. As sociedades disciplinares são agora aquilo que estamos deixando para trás, o que já não somos, uma vez que estamos entrando nas sociedades de controles, que operam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea (DELEUZE, 2013).

Nisso, Deleuze (2013) vê um processo de refinamento da disciplina que acaba por se transformar em domínio, em captura. À delimitação rigorosa das sociedades disciplinares ao espaço e ao tempo somam-se as tentativas de controle da criação e do acontecimento. A sociedade de controle emerge da combinação entre a disciplina e a biopolítica, e a comutação da sociedade disciplinar à sociedade de controle se caracteriza, de forma inicial, pelo desmoronamento das divisões que definiam as instituições em movimentos atravessados por políticas cognitivas de um mundo em que nada é totalmente dado.

Avançamos, assim, na discussão de que o neoliberalismo e o mercado mundial se apresentam como as atuais forças de dominação e favorecem uma nova ordem política. Isso indica a complexidade de uma sociedade em que sempre se está no início de alguma coisa, mas que nunca se termina nada, uma sociedade na qual a cifra é uma senha (DELEUZE, 2013). É uma rede planetária difusa, de acesso ou de rejeição à informação, de mutação do capitalismo e de indivíduos que se tornam dados. Sua marca é o desejo como produção capitalística, que instiga a desejar, a acreditar que sempre falta alguma coisa,

que nunca se está completo, como uma dívida eterna. Uma sociedade de captura que opera pelo capitalismo do controle.

A tentativa de captura é a nova maneira pela qual se exerce o poder e ela se afasta da disciplina no que concerne à disposição do tempo e do espaço. Porém, o poder continua a operar também nos corpos, em uma outra política cognitiva. É possível perceber que nunca houve fora ou dentro. Para que o controle seja contínuo, ele não deve apenas interferir na passagem do virtual ao atual; ele precisa represar a passagem. A condução dos fluxos em uma sociedade de controle é, portanto, canalizada. Assim, em meio a esse real social que está a serviço do lucro, vemo-nos impregnados pelos odores do sofisticado regime de controle generalizado e multilateral.

Ocupada por um poder que atinge a todos, nesta sociedade falamos de subjetividades desterritorializadas. Assim, mesmo nessa construção dos padrões de comportamento, observamos a possibilidade de tratar das intensidades de uma vida (DELEUZE, 2002) que se regenera e permite o combate ao poder sobre os corpos. Criação de espaços que possibilitam a proliferação das vidas.

Nesta sociedade que se remodela da disciplina para o controle, de forma atravessada pelo avanço da internet, Deleuze (2013) fala, ainda, que o plano da vez é a educação nacional, e isso significa, precisamente, a entrega da escola à empresa. O ensino deve produzir bons “empreendedores de si”. Nesse sentido, a escola deixa de ser apenas o espaço da educação das crianças e passa a envolver também a família e a comunidade. É nesta sociedade que a escola está inserida, onde o ambiente escolar, dessa maneira, não é mais o da reclusão, pois esse modelo está em crise.

O status operante é da dissipação das fronteiras agregada às trocas flutuantes, ao mesmo passo em que os mecanismos de controle operam a enésima potência, trazendo ao regime das escolas: “[...] as formas de controle contínuo, avaliação contínua, e a ação da formação permanente sobre a escola, o abandono correspondente de qualquer pesquisa na Universidade, a introdução da ‘empresa’ em todos os níveis de escolaridade” (DELEUZE, 2013, p. 229).

Como dito, na sociedade disciplinar a ideia de vigilância se remetia ao confinamento. Agora, em uma sociedade conectada ao extremo, em que tudo está em contato, fomos em busca de uma proposta de educação que, na solidão, encontrasse outras condições de vida. Portanto, percorremos o desafio de sondar aquilo que se passa desordenadamente em uma educação que ocorre em meio à operação de uma organicidade instalada. Solidão despreendida da compreensão de enfraquecimento e aberta ao estar só e, ao mesmo tempo, estar em multidão, visto que até mesmo o “[...] pensamento já é uma tribo” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 49).

A internet e suas redes se aprimoram cada vez mais como espaços de alta interação com quem está longe, ao mesmo tempo em que pode distanciar os que estão perto. Isso nos força a pensar, portanto, na possibilidade de uma solidão plural-singular que está para além do isolamento físico. Uma multiplicidade de diferenças de corpos não unificados, de singularidades que agem, criam e transformam. Outros mundos possíveis, plurais e singulares, mesmo quando se está em um contexto altamente individualista e unificador de uma sociedade de controle.

No mundo do controle e do circuito do lucro, a multidão, atravessada pelas linhas solitárias como modos de produção da diferença, é uma condição que causa forças estranhas. Quando o conceito de solidão se torna sinônimo de sentença e de punição, somos aterrorizados por ela, pois a ideia de ficar sozinho preocupa e assusta. Percebemos, assim, que a solidão é frequentemente associada à incapacidade de se comunicar e de interagir com a sociedade, podendo ser, inclusive, tachada como uma consequência da alienação destes tempos em que os indivíduos, envolvidos em compromissos, em mídias sociais ou mesmo aprisionados pela rede do materialismo e pressionados por ritmos frenéticos, parecem ter perdido o sentido da vida. Além disso, a solidão costuma ser vista como o resultado da dinâmica social, advinda do egocentrismo e do individualismo que imperam no mundo contemporâneo.

Apesar disso, a produção dos fenômenos das solidões aqui tratada busca agregar um conjunto de forças e de processos de natureza heterogênea, que possam ir além dessa concepção negativa da solidão. Não há o desejo de promulgar um conceito universal que venha a abarcar toda a conceituação de solidão. Antes, esperamos apresentar problematizações que propulsionem o pensar e o pesquisar,

produzindo operações de abertura para novos elementos que se aglutinem sem necessidade de eliminação do que já está lançado a respeito da solidão em suas mais múltiplas facetas em produções na área da Educação, da Psicologia, da Filosofia etc., que se somam às nossas, pois umas não eliminam as outras.

Assim, supor que exista um modo totalizável de compreensão acerca do que seria a conceituação das solidões seria incorrer na armadilha das metanarrativas. A proposta, então, é a de cartografar uma pluralidade de linhas heterogêneas que se coengendram, entre abraçamentos e afastamentos, em meio à multidão, a fim de mapear dispositivos que maquinam a respeito dos devires que atravessam o campo do currículo, por meio de movimentos vivos e incontroláveis em uma educação pública cotidiana atravessada pelos encontros solitários.

Portanto, o nosso objetivo consiste em pesquisar com os encontros, em intercessão com a pesquisa com os cotidianos (FERRAÇO, 2003), na busca por uma forma de falar de uma educação que está em toda parte, cartografando os processos de produções curriculares intensificados pela potência da solidão como afirmação de uma vida inquietada e atravessada pelos devires que forçam o pensamento em busca da não subordinação. Assim, as solidões estão emaranhadas aos movimentos experienciados nas escolas, o que corrobora a intensificação dos processos de criação e de resistência na composição dos currículos. Uma viagem solitária, que alunos e professores percorrem sozinhos, mas em bandos, cada um à sua maneira, produzindo uma educação individual-coletiva.

2 UMA EDUCAÇÃO POVOADA

Solidão povoada de encontros que acontecem em espaços fronteiros ainda não mapeados ou pouco explorados, desfazendo as identidades originais. Desdobrar uma situação em outras tantas... Cartografar. Por isso, perseguimos a tentativa de sondar territórios de pesquisa que fossem, de certa maneira, inaugurais, no sentido de evidenciar as práticas cotidianas experienciadas solitária e coletivamente pelos professores e pelos alunos nos mais adversos ou costumeiros espaços-tempos. Práticas de diferença e de repetição, que operam no silêncio, de modo quase imperceptível, pois estão fora dos holofotes do majoritário. Movimentos que acontecem nas nossas costas, ou, quando piscamos. Sair das ideias justas em busca das criações em queda livre.

Estar em queda livre tem a ver com movimentos que ocorrem quando um corpo está sob influência de uma força, movido por uma aceleração constante. E essa força para nós é o encontro. Encontros diversos, encontros com muitas coisas, encontros com muitas gentes, encontros que aceleram o nosso corpo. E se a educação e os currículos fossem pensados a partir desse e de outros encontros que jogam nosso corpo precipício abaixo? Não se trata de uma soma ou de uma reunião de corpos. Trata-se de composições, combinações, que não pretendem prender um corpo ao outro, mas potencializar ambos. Pesquisar com os encontros é assumir o risco das descobertas, das improvisações, dos corpos abandonados no vácuo, de uma aceleração constante.

Por mais que se fale de educação, por mais que se pesquise a respeito da educação, por mais escritos que se encontre sobre as questões afetas à educação, ela é uma multiplicidade que não se esgota, que não cabe em nenhum recorte. As práticas-políticas, enredadas pelos saberes-fazer dos sujeitos que povoam as escolas, são insondáveis, silenciosas e inquietas. É preciso considerar que a solidão é um esforço de resistência ao presente. A resistência está associada à criação; é apenas a criação que liberta desta comunicação em excesso que tenta matar o que há de vivo ainda, esvaziando sentidos, imagens e falas. A solidão vem como uma possibilidade de criação, na qual se luta contra as sociedades de controle, por meio das “[...] sociedades de resistência, pois criar é resistir: puros devires, puros acontecimentos sobre um plano de imanência” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.133). Desse modo, entendemos com os autores que a única força capaz de se contrapor a toda a enxurrada do que é posto socialmente, do esvaziamento perante a comunicação e a informação, é a criação. Daí a máxima: criar é resistir.

Resistência é luta contra a comunicação vã e em excesso, porque, para Deleuze (2013), a fala demasiada, na qual as sociedades contemporâneas estão imersas, leva ao esvaziamento não apenas da linguagem, mas também dos sentidos, recaindo em um inevitável estado de controle ou, como o filósofo irá preferir, de comunicação. A fala em excesso, forçada, acaba se relacionando com um modo

de repressão, semelhante às formas ditatoriais.

A crítica de Deleuze (2013) se dirige, portanto, às falas e aos discursos privilegiados ou que buscam estar acima das comunicações mais periféricas, bem como à comunicação que é a própria reafirmação do mesmo. A defesa é deslocar o foco, abandonar noções já tão estratificadas como mídia, cultura, política, instituições, discursos, púlpitos, que são muitas vezes próprias dos estudos em comunicação, para abrir a possibilidade de prestar atenção ao caráter inventivo próprio da língua, nos dispositivos inconscientes e quase imperceptíveis que subjazem a todos esses grandes agregados molares. Uma comunicação voltada aos movimentos da diferença que subjazem as grandes formas da representação. Movimentos aberrantes (LAPOUJADE, 2015).

Dessa maneira, o silêncio compõe com essa solidão, não como celibato, não como uma reflexão, mas como libertação, uma saída: “São as palavras mais silenciosas que trazem a tempestade” (Nietzsche, 2012, p. 147). Silêncio e solidão como lugares um pouco mais seguros para criar, respirar e resistir. Um escape ao controle. Silêncio onde tudo é mais intenso. Silêncio que fala mesmo quanto as palavras falham. Por isso é convocada uma solidão que não signifique isolar-se. Falamos de uma solidão da qual Nietzsche (2005, p. 218), grande pensador das liberdades e das solidões, também trata, que é uma solidão que não se dissimula em uma reclusão, mas em um modo de escape à vulgaridade deste nosso tempo:

Uma vez que para nós a solidão é uma virtude, enquanto propensão à necessidade de pureza, que adivinha como deve ser o contato de homem para homem — ‘em sociedade’ — contato inevitavelmente impuro. Toda comunicação acaba por tornar, de algum modo, em algum lugar, em algum tempo, ‘vulgar’.

Tensionamos, assim, abordagens a respeito dos currículos de uma educação transversalizada pelos devires da solidão, cartografando os efeitos disso na produção das aprendizagens, que acontece, cotidiana e desordenadamente, nos encontros nas escolas públicas. Aprendemos com isso a ser mais astuciosos, a enganar o poder para não sermos pegos pelo radar, em uma tentativa de voltar ao anômalo, àquele que não tem nome. É uma fissura até mesmo com o que compreendemos como silêncio em termos gerais, pois não se trata de um calar-se, mas de dar sentido aos acontecimentos ruidosos. O poder desse silêncio lacunar não está em sua expansão, mas em sua resistência, nos enfrentamentos e nas relações de força, de uma luta por vezes silenciosa.

A partir de intercessores como Deleuze, Guattari e Nietzsche, apontamos outras formas de se considerar a solidão atrelada aos currículos e aos cotidianos educacionais, formas estas mais desprendidas da compreensão de ser humano como um enfraquecido. Aproximamo-nos da solidão e fazemos amizade com ela. Amigos inatos, optando pela “[...] boa solidão, a solidão livre, a que vos permite seguir sendo bons em qualquer sentido” (NIETZSCHE, 2005, p. 35).

Assim, a solidão curricular não fala especificamente de indivíduos, pois pretende se desfocar do sujeito, apagando-o, de certa maneira, uma vez que nos interessaram os fenômenos de borda, vacúolos onde se operam processos de criação que se desprendem das formas de controle dominantes. Povoar solidões, habitar silêncios, percorrer desertos, traçar um mapa e não confinar os corpos em suas individualizações. Pensar essas experiências solitárias como políticas, na medida em que parecem produzir uma espécie de silêncio povoado que, mesmo mudo, grita aquilo que não quer calar.

Quais os efeitos desses vazios povoados pensados na educação em meio à sociedade de controle? Quais as reverberações dos silêncios nos fazeres-saberes da educação? Que impressões as solidões que habitam os cotidianos escolares deixam nos currículos? Que composições acontecem entre os corpos nos terrenos baldios que (des)(re)territorializamos? Essas e outras provocações nos impeliram a abdicar da vontade de verdade e nos permitiram duvidar um pouco mais das coisas, substituindo o desejo de respostas por uma vontade de criação.

Destacando o que acontece nos cotidianos escolares, ousamos falar de uma educação a partir de pistas deixadas por Deleuze, mesmo que o filósofo não tenha feito uma análise específica da educação. Em alguns enxertos, como no “Abecedário”, Deleuze (2005) faz um elogio à aula, tratando de seu

tempo dilatado e sua continuidade prolongada para além do momento, permitindo que se ponha uma matéria em movimento. Fala de reconciliar o aluno com a sua própria solidão, uma curiosa maneira de conceber o desafio à aprendizagem como um processo que não se trata de transmitir uma informação ou uma técnica de análise, mas de trabalhar uma matéria em movimento: o pensamento. Não uma escola, mas um movimento. Não a falação, mas um encontro. Não necessariamente um encontro com intelectuais, mas com as coisas, com as obras, com os afectos, com as intensidades, com as aprendizagens. Um deserto atravessado estranhamente por uma conjunção de tribos. Educação nômade de encontros fortuitos e inevitáveis. Solidão coletiva-individual.

Impelem-nos, ainda, as provocações de Nietzsche (2012), em “Assim falou Zaratustra”, a respeito da superação do dualismo de mundos fictícios criados pela metafísica e da separação entre corpo e alma. Mais que isso, importa-nos extrair do ermitão Zaratustra, o porta-voz de Nietzsche, alguns ensinamentos sobre a solidão, provocando um desligamento de concepções e crenças anteriores. O próprio Zaratustra é um personagem em constante mudança. Que melhor personagem híbrido que Zaratustra, ao mesmo tempo poético e filosófico, tão criador de conceitos quanto de afectos?

Embora a filosofia nietzschiana apresente certo exagero metafórico e algumas nuances radicais, pensamos, assim como Deleuze e Guattari, que seja possível nos inspirar nas provocações do autor, que construiu um pensamento filosófico por meio da palavra poética, do uso de aforismos, dos fragmentos e dos ensaios. Além disso, Nietzsche (2005) enfatiza o carácter pedagógico de um mestre, indicando a necessidade de certo distanciamento do seu discípulo, para que ele busque o seu próprio pensamento. Repudia a idolatria, causadora da dependência e da acomodação, e ordena o afastamento para que se vá ao encontro do novo, da autonomia.

Dessa maneira, Nietzsche é para nós uma inspiração perturbadora do pensamento: “O que nos interessa, portanto, não é o que em Nietzsche pertence a essa disciplina chamada Filosofia, mas o que em Nietzsche, na leitura e na reescrita de Nietzsche, continua alimentando essa forma de indisciplina que continuamos chamando de pensamento” (LARROSA, 2005, p. 8). Podemos extrair de Nietzsche sua inclinação para as artes, sua valoração daquilo que é movido de maneira criativa por meio da música, da dança, do teatro, do cinema, da literatura, da poesia e de tantas outras formas de expressar o que não conseguimos traduzir ou transmitir com as palavras endurecidas.

O personagem Zaratustra é aquele que caminha como um dançarino: “Eu só acreditaria num Deus que soubesse dançar” (NIETZSCHE, 2012, p. 46). Dessa maneira, a arte tem um papel preponderante nesse processo de constituição dos sujeitos, pois é pela arte que as pessoas se identificam e se reconhecem, fazem sua catarse, criam perceptos e afectos, deliram e voltam ao real: “Eu vos digo: é preciso ter o caos dentro de si para dar à luz uma estrela dançante” (NIETZSCHE, 2012, p. 22).

“Assim falou Zaratustra” é uma obra poética, uma sinfonia escrita e executada de maneira original, que nos mostra a possibilidade de fazer as ideias filosóficas se expressarem de um outro modo, superando os limites de uma linguagem conceitual. Por que não fazer isso vazar também na educação para que nos tornemos pesquisadores da sensibilidade ou, nietzschianamente, discípulos de Dionísio que, paralelamente à figura de Zaratustra, ensina a leveza e a força que aliviam cargas? Essa também é uma questão que nos move na pesquisa, propulsionando-nos a pensar outras maneiras de pesquisar em meio aos pesos instalados por uma educação pós-pandemia e, mais ainda, aos pesos de uma sociedade de controle que ataca a todo momento, inclusive na educação.

Nesses tensionamentos entre as teorias filosóficas do risco, que vêm sacudir o que estava estabilizado e enfatizar a questão do estranhamento, vamos tecendo uma escrita que se arrisca. Pesquisar em um território solitário chamado escola, em que não há garantias, é perder toda posse de si, porque somos humanos, demasiadamente humanos (NIETZSCHE, 2005). Por isso, pesquisar com os encontros vem nos ensinar a dançar, a bailar com os pés, com os conceitos, com as palavras, com as teclas.

Fazemos um convite à possibilidade de assumir uma educação atravessada por linhas de todos os tipos, inclusive as solitárias. Em tempos de uma educação que se expande e se mostra cada vez mais além dos espaços físicos, a pesquisa também precisou se reinventar, buscar novas formas de não parar e de acompanhar tantos processos. Entre interrupções e continuidades causadas por fatores

resultantes de uma sociedade de controle, juntamente com uma vivência de pós-pandemia alastrada, precisamos rastrear os movimentos de uma vida bonita que se afirma na diferença, a cada dia, mesmo que as mãos não se encostem. Solidões povoadas por vidas que não deixam de se encostar.

3 COMO NÔMADES

Em uma sala de aula, aliás, em um laboratório de informática, dentre tantos dessa rede municipal de ensino, vamos acompanhando os percursos dos alunos nestes tempos tão diferentes. Para buscar mensurar o que os estudantes aprenderam, nas tentativas de saber os possíveis impactos da pandemia na aprendizagem, tomam a cena as avaliações diagnósticas e de monitoramento, para quantificar o que se sabe ou se deixa de saber. Obrigações de um retorno às aulas presenciais em que é preciso avaliar as lacunas nas aprendizagens. Como se fosse possível... Mas, é preciso fazer...

– Terminaram a questão 8?

– Siiiiiiim! – responde a turma em coro.

– Vamos lá, avancem para a próxima pergunta. Questão 9: ‘Um nômade é uma pessoa que está sempre se mudando de uma local para outro, em busca de alimentos para si ou para os seus animais. Qual das opções abaixo pertence a esse grupo? a) Comerciante; b) Cigano; c) Médico; ou d) Adolescente’. Marquem a resposta.

– Estou com dúvida nessa, ‘fessora’.

– Então... nômade é aquele que muda de um lugar para o outro, constantemente...

– Ah, saquei. É o médico, tia. O daqui vive mudando de lugar, quando a gente procura, nunca tá lá. Um dia tá em Amarelos, no outro tá lá em Samambaia, no outro tá no postinho de Rio Claro.

O que o pensamento nômade busca? Não busca; encontra. Encontros ilógicos que permitem conceber os processos de subjetivação como força artística, estética pensante, estética como acontecimento, realidade – e não verdade –, arte movediça engendradora de conceitos para um fazer filosófico complexo, múltiplo, agregado à educação. Sujeito nômade que escapa ao modo de pensamento logocêntrico do racionalismo clássico. Uma criança, sem rosto definido, pode ser esse sujeito, escapando das lógicas e nos deixando sem resposta, irrompendo com o que é feito para modular.

Nômade é alguém cuja força crescente se desenvolve em um espaço aberto e liso, no qual recua a floresta e cresce o deserto, sem cercas ou clausuras. O sujeito nômade, em um signo andarilho, é uma imagem performativa que se distingue do modo de pensar dominante e sedentário, agente político que remete a um desejo intenso de transgredir as fronteiras e estender os acontecimentos a uma terra sem pressupostos (LAPOUJADE, 2015). O importante para o nômade é o deslocamento em detrimento à destinação.

O pensamento nômade, que marcou diferentes gerações de filósofos, de Friedrich Nietzsche a Gilles Deleuze e Félix Guattari, é uma fonte incontornável de inspiração. Encontros de ressonâncias e de múltiplas sensações entrelaçadas umas às outras, e que transformam elementos não conceituais – perceptos e afectos –, oriundos de arquipélagos de diferenças, errância do sensível, que perpassam a literatura, as artes, as ciências e enveredam para um pensamento do devir. Não é o fim, mas a caminhada, a movimentação. Não importa o fim, pois, no fim, acabou. Importa o viver, a sensação de estar vivo.

Diante disso, pesquisar com é a nossa aposta defendida, sabendo que conceitos e problematizações são possíveis, mas, ao mesmo passo, admitimos que não existem verdades únicas ou absolutas e nem as queremos fazer existir. O cotidiano acontece em meio às situações corriqueiras, ao que está sendo feito, nos entrelaçamentos das redes de relações nos diferentes espaços-tempos vividos. Pesquisar com a cartografia, pesquisar com os cotidianos e pesquisar com os encontros se

tornou uma alternativa para superar as tentativas de engessamento das práticas sociais e para admirar a complexidade afeta à cotidianidade educacional.

No que tange às nossas abordagens cotidianistas, quando falamos em metodologia de pesquisa, primamos por uma atuação como pesquisadores que se envolvem nas redes das escolas, para que nos tornemos parte dos espaços-tempos vividos-praticados pelos sujeitos nas mais diversas ações que tecem os currículos. Portanto, nos vemos na constituição de novos modos de vida, de pesquisa e de metodologia que não partem mais da escolha de uma escola, ou de um lugar, ou de um terreno, ou de uma etapa de ensino, mas de um mapa aberto, sem delimitação. Escolas, lugares, terrenos, no plural, no múltiplo. Plano-escola, de metodologia aberta. Isso nos leva a reafirmar a defesa de um processo metodológico que perceba, na imprevisibilidade, um rastro de força em meio a tantas fraquezas deste tempo. Tempo que testa nossas forças a todo tempo.

Buscando a intercessão filosofia-educação, atrevemo-nos a forjar a criação de uma ideia-força que trate desses currículos emaranhados pelos devires-solitários. Em meio às amarras de uma sociedade altamente controladora, justificamos a necessidade de levantar o sentido da solidão, uma vez que nos importa arranjar vacúolos de silêncio que perfurem a conectividade exacerbada, pois “Os maiores acontecimentos não são os nossos mais ruidosos, mas sim os nossos mais silenciosos” (NIETZSCHE, 2012, p. 132). O silêncio traz à tona estilhaços de um incômodo, ou mesmo, de um transtorno, que movimenta o viver e o pensar.

Nietzsche (2012), que foi uma inspiração para Deleuze, inclusive nas abordagens solitárias, fala-nos sobre suportar a solidão e aprender com ela. O filósofo deixou em seus escritos a diferença entre se retirar do mundo e assumir uma atitude solitária. Para ele, a solidão é uma forma de se distanciar do pensamento clichê e de conseguir pensar por si mesmo, como um espírito livre: “Foge, meu amigo, para a tua solidão!” (NIETZSCHE, 2012, p. 56). Portanto, uma retirada do mundo significa se isolar. Por outro lado, assumir uma postura solitária é produzir encontros, habitar vazios povoados, estar em queda livre.

4 ENCONTROS NAS LINHAS SOLITÁRIAS

O que é um currículo senão um encontro de solidões? Solidões que se encontram: de estudantes e de professores e de afectos e de pensamentos e de aprendizagens e de acontecimentos e de experiências e de experimentações e de famílias e de vidas e de objetos e de tecnologias e, por que não, de currículos oficiais e não oficiais? Currículos de todos os tipos, de práticas-políticas que tentam escapar, mas nem sempre escapam, pois o que é oficial também compõe esse plano curricular.

Essa é a ressonância que queremos provocar: possibilidades de perceber a educação como um grande mapa composto por encontros e por solidões que se esbarram, se cruzam, se compõem e se repelem. Mesmo em condições de práticas individualistas ou de isolamento/distanciamento social, uma educação não se faz sem solidão. Portanto, vislumbrando o que há de potência na solidão, vemos o quanto ela pode favorecer resistências às técnicas de disciplinamento e de controle amplamente difundidas no contemporâneo. Uma recusa ao princípio identitário e seu efeito uniformizador, bem como ao adestramento dos corpos.

Além disso, cada professor, cada aluno, em suas ações percebidas, à primeira vista, como isoladas, encontram-se por força do rizoma, um ato de resistência ético-estético-político, visto que o rizoma é composto por linhas e não por formas. As linhas são aquelas que escapam da tentativa totalizadora e fazem contato com outras raízes, seguem outras direções. Não é uma forma fechada, não há ligação definitiva. São linhas de intensidade. Por isso, não há uma solidão totalmente privativa, mas uma solidão povoada, na qual tudo está em contato “Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 24).

Trazendo a discussão da solidão emaranhada aos processos de aprendizagens, percebemos que “É bem verdade, neste sentido, que o pensador é necessariamente solitário [...]” (Deleuze, 2006, p. 264). A solidão irrompe como resistência às formas humanas de hipervalorização do eu e ao pensamento de solidão como castigo. Por conseguinte, o aspecto fundante dos distanciamentos nas relações sociais que vivenciamos se assenta na lógica do ressentimento, do temor do abandono, do não

acolhimento, da não adaptação, da não aceitação. No entanto, é preciso pensar que todos nós necessitamos de vacúolos de solidões, de um pouco de oxigênio quando estamos sufocados pelos excessos que causam o empobrecimento da vida (NIETZSCHE, 2001).

Por isso, pensando em uma solidão típica do homem contemporâneo, podemos inferir que “[...] não se descobre nenhuma verdade, não se aprende nada, se não por decifração e interpretação” (Deleuze, 2003, p. 5). Dessa maneira, as relações entre alunos e professores são atravessadas pelos devires de solidões que se encontram para transformar os signos em aprendizagens, mesmos nas amarras dos padrões, que ainda são valorizados e perseguidos, uma vez que fazem parte da lógica atual. Portanto, em uma educação movida por linhas de todos os tipos, de resultados ou de criações, importa dizer que “Não há método para encontrar tesouros nem para aprender [...]” (DELEUZE, 2006, p. 159).

Sem querer respostas, guiamo-nos pelos fluxos das pesquisas com os cotidianos (FERRAÇO, 2003) para visibilizar esses currículos que atravessam a educação e fazem dela uma complexidade que nos encanta. Dessa forma, desejamos tratar dos rizomas curriculares formados desordenadamente, daquilo que considera que os processos vividos pelos sujeitos são imbricados por um devir-solitário, um movimento que se faz sozinho, no qual “O território é assombrado por uma voz solitária [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 164). Desejamos falar de uma alternativa para que os sujeitos consigam se encontrar com sua própria solidão, defendendo que são múltiplos e unos, ao mesmo tempo, como propõe Nietzsche (2005, p. 136):

[...] será o maior aquele que souber ser o mais solitário, o mais misterioso, o mais diferente entre os homens. Aquele que será colocado além dos limites do bem e do mal, que será o dominador da própria virtude, que será transbordante de vontade, isto se chamará grandeza, o ser múltiplo e ao mesmo tempo uno, o conjugar a máxima extensão ao conteúdo máximo. E perguntamos uma outra vez: a grandeza é possível na atualidade?

Os processos que os alunos e os professores vivenciam são solidões que podem coexistir. Nessas experiências, há a composição das aprendizagens, dos conhecimentos, dos currículos. Discentes e docentes, de espíritos livres, carregados de potência de vida, que nos ensinam a estar na solidão de um bando, ou no bando de uma solidão, “[...] pelo menos na medida em que a solidão é nossa amiga, amigos inatos, jurados e zelosos de nossa própria e profunda solidão, da meia-noite e do meio-dia. Ante vossos olhos a espécie de homens que somos, espíritos livres [...]” (NIETZSCHE, 2005, p. 55).

Essas estranhas aprendizagens fazem parte da nossa aposta para experienciar os fluxos rizomáticos que estão por dentro das estruturas. Nossa cotidianidade é múltipla, carregada de sentidos e nuances. Lidamos com o incontrolável, com o caótico, com o imprevisível, mas também com o molar, com o fixo e com o instituído. É uma coisa e outra: “Linha de corte, linha de fissura, linha de ruptura. A linha de segmentaridade dura, ou de corte molar; a linha de segmentação maleável, ou de fissura molecular; a linha de fuga ou de ruptura, abstrata, mortal e viva, não segmentar” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 80). Linhas de todos os tipos compondo um mesmo rizoma-educação, que afirmam a força dos currículos e dos cotidianos atravessados pela solidão.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida... **Revista Educação & Realidade**, v. 27, n. 2, p. 10-18, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/31079/19291>. Acesso em: 23 mai. 2023.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. 2005. [Entrevista concedida] a Claire Parnet. Transcrição de Bernardo Rieux. Paris: Éditions Montparnasse, Paris. Disponível em: https://clinicand.com/wp-content/uploads/2021/02/Gilles_Deleuze_Claire_Parnet_Abeced_rioz-lib.org_.pdf. Acesso em: 28 out. 2023.

- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs**. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs**. São Paulo: Editora 34, 2012a. v. 4.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs**. São Paulo: Editora 34, 2012b. v. 5.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 157-175
- LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: n-1 Edições, 2015.
- LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Tradução de Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).